

José Cardoso Pires

DINOSSAURO
EXCELENTÍSSIMO

Ed. Arcádia, Lisboa / 1972

Após a leitura de *O Delfim* — um dos grandes romances de língua portuguesa do nosso século — é natural que muitos leitores de José Cardoso Pires tenham estranhado o tom demasiado jocoso deste *Dinossauro Excelentíssimo*. Em vez da impressionante economia de palavras a que nos habituara a sua severa ficção, deparamos com um estilo não raro chocarreiro e folgazão. Dir-se-ia que o Autor mudara de *cartilha*, tanto no fundo como na forma. E quem leia «esta reinação do imperador» sem ter conhecimento do itinerário percorrido desde a publicação de *Caminheiros e Outros Contos* até ao aparecimento do romance *O Delfim*, poderá julgar apressadamente que o seu autor é um grande ponto do «reino dos mexilhões». Como é óbvio, escapar-lhe-á a razão deste «divertimento» de José Cardoso Pires, que todavia deve considerar-se na sequência da sua obra anterior. Mais interessado, desde a estreia literária, em descortinar as raízes da vivência portuguesa e as

causas duma flagrante desigualdade social do que em comover-se ou em fazer comover os outros, os seus textos assumem deliberadamente um tom acusatório. Ao mudar, aparentemente, de assunto e deslocando-se para um reino à beira-mar plantado, reino que se poderá, talvez, imaginar como simbólico, José Cardoso Pires não se desvia, quanto a mim, das linhas de conduta que têm dirigido a sua obra. Creio mesmo que esta biografia dinossauriana é uma amostra insuspeita do tom cáustico e interveniente de Cardoso Pires, uma prova concludente da força e do poder da sua escrita.

Sabendo muito bem que o humor não deve transvazar ódio mas ironia e serena distância, o romancista conta uma história para que não sirva de exemplo. Repare-se que é a primeira vez (e isto parece-me importante), em toda a obra publicada deste escritor, que deparamos com uma história tendo princípio, meio e fim. Ao contrário do habitual, José Cardoso Pires parece interessado em contar uma história. Autêntica fábula, e portanto sem possibilidades de ter sido real, tão longe do nosso dia-a-dia nos surge, tão obsoleta nos parece e tão incrível se nos apresenta, que não queremos acreditar na sua veracidade. Com efeito, é lá possível ter existido um imperador como este que, vindo do nada, chegou a dominar e amordaçar todo um reino? Como admitir gente como aquela que o rodeava e adulava por conveniência própria? Como aceitar todas as manigâncias, todas as razões diabólicas que sustentaram e mantiveram no poder o imperador Dinosaurus I?

Diz o povo que para grandes males grandes remédios. Parafraseando o provérbio, José Cardoso Pires deve ter pensado que para grandes maus grandes risos. Daí que a maneira mais eficaz de castigar o imperador, de recusar a sua existência e de aniquilar a sua passagem por terras do século XX fosse a adopção dum estilo gracioso, desabusado e por vezes quase «vulgar». Um estilo que qualquer *dé-erre* (falso ou autêntico) rejeitaria com todas as fibras do seu saber e da sua etiqueta. Por isso o riso, a pilhéria e a gargalhada que se desprendem das páginas deste livro, embora acessíveis, não são compartilhados por todos os cidadãos. Os que se imaginam capazes de ter vivido com um imperador como Dino-

saurus I terão necessidade duma dentadura postiça, os outros, os que sabem como seriam sacrificados caso tivessem a desdita de pertencer a tal reino, riem-se a bandeiras despregadas. E eles lá sabem porquê.

Posto isto poderá perguntar-se: qual a importância deste livro na obra de José Cardoso Pires?

Entendo o *Dinossauro Excelentíssimo* como um «divertimento» feliz, uma pausa alegre e aliviante, necessária mesmo, que decerto fornecerá ao Autor alento para novas e arrojadas obras.